

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
22 e 29 de Setembro de 2023
CHARLTON HESTON, UMA PRESENÇA ÉPICA

MAJOR DUNDEE / 1965
Major Dundee
(2005 para a versão ampliada
- “extended version” - que vamos ver)

Um filme de Sam Peckinpah

Argumento: Harry Julian Fink, Oscar Saul e Sam Peckinpah, a partir de uma história de Fink / *Diretor de fotografia (35 mm, Panavision):* Sam Leavitt / *Cenários:* Al Ybarra / *Figurinos:* Tom Dawson / *Música:* Daniele Amfitheatrof (versão original), Christopher YOUNG (versão de 2005) / *Montagem:* Howard Kunin, William A. Lyon, Don Starling / *Som:* James Z. Flazer, Charles J. Rice (supervisão) / *Interpretação:* **Charlton Heston** (*Major Amos Dundee*), Richard Harris (*Capitão Benjamin Tyreen*), Jim Hutton (*Tenente Graham*), Michael Anderson Jr. (*Tim Ryan, o corneteiro*), James Coburn (*Samuel Potts*), Mario Adorf (*Tenente Gómez*), Senta Berger (*Teresa Santiago*), Brock Peters (*Aesop, o negro*), R. G. Armstrong (*o pastor*), Francisco Reyguera (*o velho apache*), Begonia Palacios (*Linda*). *Produção:* Jerry Bressler, para a Columbia / *Cópia:* 35 mm, cor, versão original legendada em espanhol e eletronicamente em português / *Duração:* 135 minutos / *Estreia mundial:* Abril de 1965; estreia da “versão ampliada”: Nova Iorque (Film Forum), 8 de Abril de 2005 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Condes), 10 de Fevereiro de 1967 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 26 de Julho de 2008, no âmbito do ciclo “*In memoriam Charlton Heston*”.

Um crítico escreveu certa vez que **Major Dundee** era “*um filme problemático*”. Para alguns, um dos problemas é a presença do nosso homenageado Charlton Heston, uma das vedetas de Hollywood a ter sido mais alvo de chacotas. Na opinião de João Bénard da Costa, por exemplo, se Heston “*não é «o maior canastrão de todos os tempos» (glória que cabe a Victor Mature) é um sério candidato ao título*” (verbete dedicado ao ator no catálogo sobre o cinema americano dos anos 50). Seja como for, Heston é uma interessante presença na primeira parte do filme, surgindo como uma figura de certa forma intermediária entre John Wayne e Clint Eastwood (é menos rígido do que qualquer um dos dois). Mas depois que o seu personagem é ferido e entra em decadência, a sua *performance* torna-se menos convincente. Mas o que há de mais problemático em **Major Dundee** é que o excelente argumento do filme é diluído numa narrativa que se estende em excesso. A duração original era de 134 minutos, como se pode verificar no artigo publicado em *Variety* em 17 de Março de 1965, feito na sequência de uma projeção para a imprensa. Mas o filme foi distribuído numa versão de 120 minutos. A *versão ampliada* que vamos ver (*extended version* diz o genérico) tem 136 minutos e uma nova música (este último elemento talvez não se deva apenas a razões artísticas). Mas nenhuma “*montagem original*” pode substituir aquilo que não foi filmado, neste caso o massacre cometido pelos apaches na sequência de abertura, que seria a motivação da ação do Major Dundee e de que só vemos o epílogo. A cena não foi filmada porque a Columbia quis fazer economias. Charlton Heston teria devolvido parte do seu salário para que a cena fosse filmada (quantas vedetas teriam feito o mesmo?), mas a Columbia embolsou o dinheiro e a sequência não foi rodada, ilustrando à perfeição a expressão americana *laughing all the way to the bank*. Mas se em vez de “*ampliado*” o filme tivesse sido abreviado o resultado final teria sido mais convincente. O argumento central aborda um tema clássico do *western*: a travessia de um perigoso território de índios por um grupo de homens, temporariamente unidos por um interesse comum: sobreviver. Infelizmente, os argumentistas, entre os quais figura o próprio Peckinpah, desdobraram a narrativa num sem-número de intrigas secundárias, esvaziando o filme da sua força potencial. Nas suas memórias, *On the Arena*, Charlton Heston conta que quando a decisão de fazer o filme foi tomada e Peckinpah contratado (depois de Heston assistir a uma

projecção privada de **Ride the High Country**), faltava escrever o terço final do argumento, tarefa que foi confiada ao realizador. Heston observa que “*não há dúvidas de que Sam teve mais olhos que barriga ao aceitar esta incumbência. Ele sabia escrever. Estava à altura do trabalho. Mas fazê-lo enquanto preparava o seu primeiro grande filme como realizador era outra conversa*”. Heston atribui “*muitas coisas más e muitas coisas boas no filme*” a Peckinpah, mas observa que a Columbia, ele próprio e Peckinpah tinham “*filmes diferentes em mente*”. A Columbia queria um filme com a cavalaria e índios, “*tão parecido aos de John Ford quanto possível*”; Heston queria “*ser o primeiro a fazer um filme que realmente explorasse o tema da Guerra da Secessão*”, e o que Peckinpah “*queria fazer era **The Wild Bunch**. Este era o filme que tinha na cabeça. Teve a sorte de o fazer alguns anos mais tarde. Poucos realizadores dão dois tiros com um filme só*”.

Sam Peckinpah foi talvez o último realizador importante de *westerns* propriamente ditos (o *western* europeu sempre é paródico e por isso não pertence verdadeiramente ao género). Começou modestamente em meados dos anos 50, na televisão, com episódios de séries célebres (**Gunsmoke**; **The Rifleman**; **The Westerner**), numa época em que as séries de televisão eram feitas com uma gramática cinematográfica. Ao passar para o cinema, seguiu um itinerário tortuoso em relação ao género. **Ride the High Country** ainda é um *western* clássico, com dois actores emblemáticos da velha guarda, totalmente complementares, Randolph Scott e Joel McCrea. **Major Dundee** também foi concebido como um *western* clássico, mas a sua dispersão em inúmeras intrigas secundárias jamais seria admitida nos anos 50, a idade de ouro do *western*. Em **The Wild Bunch**, há um irrecusável eco do *western spaghetti*, com uma violência que chega às raias do maneirismo. E **Pat Garret and Billy the Kid** ilustra a veia de certos *westerns* intelectualizados, cujas referências já não são ligadas à visão idealizada da conquista do Oeste, mas a certos elementos da cultura contemporânea (lá está, de contrabando, o inevitável Édipo).

É realmente pena que o argumento de **Major Dundee** não estivesse totalmente acabado quando foi filme foi rodado, pois o miolo narrativo não poderia ser melhor: há a astúcia de usar como base narrativa o diário fictício de um sobrevivente da expedição; há um grupo de homens insuficientemente equipados, em luta contra um inimigo terrível; neste grupo, há a união forçada de inimigos, Confederados vencidos e soldados do Norte (quando o filme começa, a Guerra de Secessão acaba de chegar ao fim); e há ainda a presença de um pequeno grupo de negros, diante daqueles homens do Sul, talvez não muito mais racistas do que os *yankees*, mas que tinham desencadeado uma guerra de independência para manter a escravidão negra. Todos estes homens devem atravessar um espaço inóspito. Este clássico argumento resultou em imagens e sequências igualmente clássicas, mais próximas da síntese de concisão e grandeza de um Anthony Mann do que do tom solene e enfático dos filmes de cavalaria de John Ford. Não faltam em **Major Dundee** trechos inesquecíveis, concebidos e realizados à perfeição, magníficos momentos do *western* naquilo que o género tem de melhor e mais autêntico. Quatro destes trechos sobressaem, são antológicos momentos de cinema. O primeiro é quando um dos ex-Confederados tenta humilhar um soldado negro e é sovado, de surpresa, pelo pastor branco. O segundo é o funeral, quando todos cantam o hino religioso *Shall we gather by the river?*, filmados num *travelling* em contra-picado, filmados do ponto de vista dos mortos. O terceiro é a ideia extraordinária de fazer com que o corneteiro, o mais jovem e menos endurecido de todos aqueles soldados, mate, frente a frente, o apache mais feroz, seja levado a matá-lo para não morrer. E o quarto momento é a morte do chefe dos ex-confederados. Depois da vitória, ele se precipita sobre as linhas inimigas, suicida-se em combate, para não ter de sobreviver à derrota do Sul e não ter de cumprir a promessa de matar a sangue-frio, num “crime de honra”, o Major Dundee. Há muitos filmes imperfeitos ou informes que contêm súbitos lampejos de grande cinema. **Major Dundee** é um destes filmes.

Antonio Rodrigues